

## O PROBLEMA DA ICONICIDADE NA ELICIAÇÃO DE SINAIS CASEIROS

Elizabeth Reis Teixeira\*  
Ivanete de Freitas Cerqueira\*\*

**Sumário:** A técnica de nomeação espontânea consiste em fazer o sujeito evocar espontaneamente, porém de forma controlada, os sinais sugeridos por imagens que lhe serão apresentadas (YAVAS, 2001). Segundo Teixeira (1998, 2006), trata-se de uma forma lúdica de nomear situações e objetos, o que torna possível fazer um levantamento específico de enunciados. Essa técnica foi utilizada, em diferentes momentos, na eliciação de sujeitos surdos filhos de pais ouvintes, o que implicou em diferentes respostas e fomentou uma questão sobre o que seria mímica e/ou possíveis sinais de uma língua informal. Nesse sentido, nosso objetivo é mostrar como diferentes abordagens levam a diferentes objetos, contrapondo a Teoria de Sarah Taub (2000), Modelo de construção análogo, aos estudos de Cuxac (1993, 2003) e seu grupo (FUSELLIER-SOUZA, 2004; SALLANDRE, 2003). Para este, a iconicidade é uma noção operatória, i.e., um processo através do qual o sinalizador torna icônica a experiência, pois em termos de intenção semiótica, seu objetivo é construir o sentido para e com o outro. Já para aquela, a iconicidade é um processo cognitivo que permite ao indivíduo mapear a estrutura de um objeto, associando-a às possibilidades de formas fonéticas (sequência de sons e configuração/movimento de mão) de sua língua. O presente trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado, orientado pelo Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Reis Teixeira, e visa descrever como os sinais implementados pelos surdos se inserem na comunicação com seus familiares ouvintes. Vale dizer que os surdos eliciados vivem ou já viveram em situação de isolamento e moram na parte ocidental da região amazônica, mais especificamente, no vale do Juruá, área que contempla cinco cidades acreanas e uma amazonense.

**Palavras-chave:** Surdos; Eliciação; Iconicidade; Língua de Sinais; Sinais Caseiros.

**Abstract:** The appointment spontaneous technique is to evoke, in a controlled manner, the signs suggested by images which are presented (YAVAS, 2001). According to Teixeira (1998, 2006), it is a playful way of naming situations and objects, which makes it possible to make a specific survey words. This technique has been used, at different times, in the elicitation of deaf children born in hearing families, what has resulted in different responses and fostered a question about what is a gesture and/or possible signs of an informal language. In this sense, our goal is to show how different approaches lead

---

\* Pós-Doutora pela University of Texas System (UT System), Doutora e Mestra em Fonética e Linguística pela University of London (UL), Mestra em Linguística pela University of Kansas (KU), Graduada em Letras (Português e Inglês) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

E-mail: ereist.teixeira@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6177760381095851>

\*\* Doutoranda em Língua e Cultura e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduada em Letras (Português e Francês) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: ifreitas@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0066582836297725>



to different objects, opposing the theory of Sarah Taub (2000), building model similar to studies of Cuxac (1993, 2003) and his group (FUSELLIER-SOUZA, 2004; SALLANDRE, 2003). For her, the iconicidade is an operative notion, i.e., a process by which the flag makes it iconic experience, because in terms of intent semiotics, your goal is to build the sense for and with each other. For him, the iconicidade is a cognitive process that allows the individual maps the structure of an object, associating it for the possibilities of phonetic shapes (sequence of sounds and hand movement/configuration) of your language. This work is part of my doctoral research, supervised by Prof. Elizabeth Reis Teixeira (PhD.), and aims to describe how the signs implemented by deaf aid in communication with their hearing families. It is necessary to say that the deaf elicited by live or have lived in a situation of isolation and live in the western part of the Amazon region, more specifically, in the vale do Juruá, cities of Acre and Amazonas.

**Keywords:** Deaf; Elicitation; Iconicity; Homesigns; Sign Language.

## 1 Introdução

O abade Charles Michèl l'Épée, precursor na educação de surdos, quando diante das gêmeas surdas, compreendeu que os gestos utilizados, embora na sua concepção não fossem língua, davam conta do processo de comunicação e podiam ser usados na instrução dos surdos. William Stokoe, ao observar os estudantes surdos sinalizando, percebeu que os sinais implementados não eram palavras soltas, mas um modo tão complexo de comunicação quanto o inglês, i.e., uma língua (MAHER, 1996). Em relação aos sinais caseiros, alguns estudiosos os consideram linguagem (TERVOORT, 1981; KEGL; SENGHAS; COPPOLA, 1999); outros, a linguagem (GOLDIN-MEADOW, 1979; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 1992; MORFORD, 1996).

Diante da situação linguística específica do surdo, a definição e a distinção entre língua e linguagem são imprescindíveis. E foi esta também a preocupação de Fernand de Saussure, quando procurava delimitar e definir a linguística. No entanto, o objeto desta ciência é plural, pode ser concebido como um feixe de fenômenos (BORGES NETO, 2004), o que significa que os pesquisadores poderão focar seus estudos em diferentes objetos, acarretando, desse modo, diferentes definições: língua, por exemplo, pode ser definida ou como “um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística” (MARTELOTTA, 2009) ou como “[...] uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008). Entretanto, definições como essas não bastam para identificar um fenômeno semiótico como a língua, ou seja, definições como essas não esclarecem se um sistema de comunicação é apenas uma linguagem ou um produto da linguagem, como diria Saussure.

O abade L'Épée, por exemplo, não acreditava que os surdos tivessem uma língua, mas um instrumento de comunicação que podia intercambiar conhecimento entre o mundo surdo e o mundo ouvinte. Para ele, os gestos dos surdos era linguagem em sentido *lato*. Por isso, resolveu criar, a partir dessa produção, os **sinais metódicos**, uma espécie de língua francesa sinalizada.

Stokoe nos primeiros contatos com a comunidade surda da Universidade de Gallaudet distingue dois tipos de sinalização: um utilizado no processo de ensino-aprendizagem, o qual seria uma tradução palavra por palavra do inglês, e outro cuja *performance* na comunicação extraclasse era bastante diferente e, por isso, podia ser considerado uma língua (MAHER, 1996). Desse modo, para sustentar a



afirmação de que essa forma de sinalização seria uma língua, Stokoe apoiou-se *a priori* no fator sociocultural, pois via naquela comunidade acadêmica um povo surdo que partilhava de uma cultura e, conseqüentemente, de uma língua, as quais eram distintas da língua e da cultura americana.

Tanto o abade como o professor tinha o mesmo objeto de observação: o modo espontâneo e natural com que os surdos se comunicavam. Posturas diferentes geraram “teorias” distintas para explicar um mesmo fato. Do mesmo modo, analisar dados a partir de diferentes teorias implica resultados outros.

Nessa perspectiva, este trabalho traz dois olhares distintos em relação à iconicidade: o de Taub (2000), para quem o termo alude a um processo cognitivo que permite ao indivíduo mapear a estrutura de um objeto; e o de Cuxac (1993, 2003), segundo o qual a iconicidade é uma operação capaz de tornar icônica dada experiência. Assim, ambas as visões quando aplicadas aos sinais caseiros podem denotar ora gestos - de acordo com Sarah Taub -, ora sinais - como assinala Christian Cuxac, i.e., no caso dos sinais caseiros, tanto pode ratificar um sistema geral de comunicação como um sistema linguístico, respectivamente.

O objetivo deste trabalho é, portanto, demonstrar como olhares distintos em relação a um mesmo objeto, nesse caso os sinais caseiros, podem alterar ou confirmar os resultados esperados em dada pesquisa. Dito desse modo, é mister salientar que, no que diz respeito aos sinais caseiros serem ou não considerados gestos, “o maior desafio está na iconicidade que as línguas de sinais apresentam”, pois os sinais caseiros são associados - por interlocutores que desconhecem as línguas de sinais - à gestualidade encontrada em línguas orais -, o que serve de pretexto para negar a natureza linguística das línguas de sinais emergentes (KUMADA, 2012, p. 36).

## 2 Sinais Caseiros

### 2.1 O objeto de estudo

No sudoeste da Amazônia, mais especificamente na região do vale do Juruá, quando alguém vê um surdo, denomina seu modo de comunicar como aceno: “Ah! Ele fala por aceno”. *Aceno*, na verdade, diz respeito a um sistema de comunicação baseado em gestos, e tem esse nome devido ao fato de os braços, segundo a percepção local, movimentarem-se de maneira semelhante ao gesto de acenar.

No entanto, vale dizer que esse sistema de comunicação gestual não é privilégio apenas dos surdos dessa região amazônica. Há vários relatos, em diferentes lugares e momentos, que descrevem esse modo peculiar de comunicar dos surdos. Alguns o chamaram **gestos** (L’ÉPÉE, 1879); outros o classificaram como **simbolismo esotérico e gestos naturais** (TERVOORT, 1981); outros ainda o conceberam como **sinais caseiros** (GOLDEN-MEADOW, 1979; MAYBERRY, 1992; MORFORD, 1996); e há os que o chamam de **línguas emergentes** (CUXAC, 1993, 2003; YAU, 1988; FUZILLIER-SOUZA, 2004).

O abade l’Épée, quando designado para continuar o trabalho de um confrade, conheceu duas irmãs surdas que se comunicavam por meio de gestos. Embora fosse perceptível o fato de as gêmeas comunicarem-se com desenvoltura, Charles M. L’Épée não acreditava que aquele modo de comunicação pudesse ser considerado língua, visto que para ele o sistema não comportava uma





gramática (regras), havia somente palavras (gestos) ditas aleatoriamente. Por isso, ele passa a aprender o sistema gestual, no intuito de “gramaticalizá-lo” e torná-lo similar à língua francesa.

Em meados do século XX, Tervoort (1981) denomina o código implementado por surdos inseridos no sistema escolar de **simbolismo esotérico**. Segundo o que descreve o autor, trata-se de uma mistura de recursos comunicativos, a saber, fala, datilologia, gestos, mímica, sinais, etc. Outro termo utilizado por Tervoort (1981) são os **gestos naturais**, empregado em oposição a **sinais formais**, signos linguísticos pertencentes a uma língua de sinais oficialmente reconhecida. Para ele, gestos naturais são símbolos utilizados para descrever, de modo imitativo, objetos em situações familiares, contexto de grande familiaridade para os surdos e seus interlocutores. De modo geral, os gestos naturais são subjetivos, porque sua produção está ligada à percepção do sujeito que os cria, além de presos ao contexto, o que pode implicar erro, quando implementados em contexto que não seja o familiar.

Por outro lado, há autores que chamam **sinais caseiros** (*homesigns*) os **gestos naturais** (MAYBERRY, 1992; MORFORD, 1996). Para esses, os sinais caseiros são similares às línguas de sinais, pois são, de alguma forma, estruturados independente da fala e exibem certa similaridade com a língua de sinais, embora seu uso não esteja diretamente relacionado a esta língua. Ao contrário, sua estrutura apresenta generalizações simples: gestos dêiticos, icônicos e referenciados pelo ambiente, os quais podem tornar-se linguisticamente mais estruturados a depender do grau de domínio do usuário (MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 1992; MORFORD, 1996).

Goldin-Meadow (1979), entretanto, acredita, sim, que o uso de sinais caseiros esteja diretamente relacionado à língua de sinais. Segundo a autora, trata-se de sinais com léxico e morfologia organizados por meio de regras sintáticas. Seus estudos mostram que esse sistema linguístico tem alguma semelhança com o da linguagem oral e é construído em contextos semelhantes aos das primeiras palavras no processo de aquisição da linguagem por ouvintes. Um fato interessante seria que os filhos surdos produzem gestos bem mais complexos que suas mães ouvintes, ou seja, os surdos colocam nas suas sentenças um número bem maior de proposições. A autora, ao pesquisar crianças surdas de diferentes culturas, chinesa e americana mais especificamente, descobriu que havia maior similaridade entre os sinais utilizados pelas crianças chinesas e americanas que aqueles produzidos pelas mães e seus respectivos filhos, o que demonstra que as crianças surdas não organizam seus sistemas com base em um *input* materno. Desse modo, tudo isso ratifica a capacidade inata do ser humano para a aquisição da linguagem.

“Na surdez, a criança é ‘forçada’ a criar símbolos” (SANTANA, 2007), mas esta só consegue organizá-los porque dispõe de um dispositivo biológico que lhe faculta desenvolver-se linguisticamente (CHOMSKY, 2008; PINKER, 2004; RAPOSO, 1992). Então, é certo que esses surdos conseguem desenvolver um tipo de linguagem que lhes dá oportunidade de participar de situações interativas com seus familiares e pessoas próximas. Esse meio de comunicação é desenvolvido sem que a criança possa ter acesso ao *input* daqueles com quem convive, ou melhor, seu *input* é construído a partir de dados retirados do ambiente, principalmente das interações face a face entre mãe e filho (STOKOE, 2001), ou melhor, entre familiares e crianças surdas.

Nesse momento, faz-se necessário chamar a atenção para dois aspectos nesse processo de construção de um sistema linguístico. Durante as pesquisas, percebeu-se que o status da criança na família é um fator decisivo no seu desenvolvimento linguístico. Isso significa que se a criança surda é colocada à margem do convívio familiar, seu repertório comunicativo será, de fato, baseado em gestos icônicos e dêiticos, motivados e referenciados pelo ambiente, respectivamente. Além disso, o conteúdo



das mensagens será referente às questões concretas do cotidiano familiar, pois a criança é requisitada apenas para comer, tomar banho, fazer isso ou aquilo.

Entretanto, quando a família não faz grandes distinções entre surdo e ouvintes, há uma tendência natural de esse surdo, no mínimo, desenvolver um repertório linguístico maior e mais complexo que os mencionados anteriormente. Sendo que essa complexidade linguística tende a se intensificar quando há, na família ou vizinhança, crianças ouvintes próximas às surdas. Nessa perspectiva, Yau (1988) aponta, no repertório lexical de surdos canadenses (índios) e chineses usuários da **língua gestual espontânea** – como ele denomina – uma diferença que varia entre 300 e 1200 gestos, a depender da mobilidade social desses surdos, isto é, personalidade, nível de atividade, além do grau e intensidade das relações estabelecidas no seu entorno imediato.

Fuzellier-Souza (2004), a qual considera os sinais caseiros **língua de sinais emergente** (LS ÉMG), corrobora Yau (1988) quando considera que no desenvolvimento ontogenético do indivíduo é possível perceber um processo contínuo e evolutivo na estruturação dos sinais caseiros, o que na idade adulta do surdo é revelado por meio de três fatores: desenvolvimento cognitivo do indivíduo, natureza do *input* e das trocas comunicativas, bem como integração social exitosa.

Nessa perspectiva, os estudos vêm mostrando que os sinais caseiros longe de serem algum tipo de linguagem em sentido *lato* – pantomima, mímica, gestos –, são, antes, produto da faculdade da linguagem, a qual permite ao homem construir seu próprio sistema linguístico. Isso significa que, mesmo com toda escassez de estímulo – considerado aqui do ponto de vista linguístico –, o surdo consegue construir sua língua, todavia quando tem possibilidade de interagir com o ambiente e com as pessoas ao seu redor.

## 2.2 A pesquisa e a metodologia

Neste trabalho, os dados coletados, em diferentes momentos, são provenientes de surdos filhos de pais ouvintes – acreanos e amazonenses que moram no vale do Juruá (Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Mâncio Lima, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter – no Acre – e Guajará – no Amazonas). São crianças e adolescentes, de ambos os sexos, que não têm contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou que apenas foram iniciados no processo de aprendizagem da Libras.

*A priori*, foi pensado para a pesquisa a técnica de nomeação espontânea, a qual consiste em fazer o sujeito evocar espontaneamente, porém de forma controlada, os sinais sugeridos por imagens que lhe serão apresentadas (YAVAS, 2001). Segundo Teixeira (1998), trata-se de uma forma lúdica de nomear situações e objetos, o que torna possível fazer um levantamento específico de enunciados.

O teste continha inicialmente 250 enunciados, que seriam evocados por meio de figuras dispostas em um álbum seriado confeccionado no *power point*. O objetivo era apresentar figuras que pudessem evocar sinais conhecidos e/ou utilizados cotidianamente pelos sujeitos da pesquisa. Tomando essa direção, acreditava-se que seria possível inventariar o léxico dos sinalizadores em questão e conhecer um pouco do seu universo biossocial através do vocabulário produzido. Por isso, a coleta de dados feita em um primeiro momento teve essa quantidade de figuras. No entanto, os sinais implementados por alguns sujeitos eram muito extensos, o que os tornava mais próximos da mímica que dos sinais propriamente ditos. Talvez porque, no anseio de se comunicar, o surdo quisesse tornar sua produção bastante transparente para a pesquisadora ou porque, quiçá, fosse a primeira vez que



tivesse de nomear alguns dos objetos apresentados. Tudo isso gerou um questionamento sobre o que seria um sinal e quais seriam as suas características.

O teste passou, pois, por uma reelaboração do álbum, em que foram mantidas 78 figuras, também relacionadas ao dia-a-dia dos sujeitos. Além disso, percebeu-se a necessidade de se trabalhar os enunciados de forma mais contextualizada, a fim de que os sujeitos não se concentrassem no sinal em si, mas no discurso. Assim, foram utilizados 10 cartões com cenas estáticas e 4 folhas que continham histórias contadas por meio de uma sequência de cenas. Nesse sentido, o objetivo era verificar se os sinais implementados isoladamente eram semelhantes aos produzidos em certos contextos.

No entanto, independente dos resultados a que se chegasse, era necessário ter um aporte teórico que permitisse analisar os dados coletados na sua essência, i.e., como signos que servem de instrumento de comunicação entre indivíduos surdos isolados que vivem em ambiente ouvinte. Para isso, era preciso, então, saber como a iconicidade poderia ser tratada.

## 2.3 O aporte teórico

### 2.3.1 A iconicidade

Impossível é iniciar uma discussão sobre iconicidade e não citar o precursor da Linguística moderna. Ferdinand de Saussure, quando se propôs a estabelecer os limites da ciência da linguagem, não se deixou ficar na superfície. Preocupado, segundo o julgamento de Benveniste (1976), com a classificação lógica dos fatos da linguagem, o mestre genebrino percebe que “é preciso ir aos fundamentos, aos dados elementares a fim de situar cada elemento na rede de relações que o determina”. Por isso, definiu língua, distinguindo-a de linguagem e fala, e estabeleceu outros conceitos que são até hoje essenciais para a linguística na compreensão de seu objeto de estudo.

Dentre as definições propostas por Saussure (1916), está a de signo linguístico. Segundo o mestre, o signo forma-se a partir da junção do significante com o significado. Esses dois elementos são considerados faces de uma mesma moeda: o significante é a imagem acústica e o significado, o conceito inerente ao signo. Saussure esclarece, porém, que a associação dessas partes é arbitrária, ou seja, não há motivo para que, por exemplo, o significante da palavra *ÁRVORE* [ahvori]<sup>1</sup> corresponda ao seu significado [planta de tronco alto com ramagem na parte superior]. Assim, quando toma tal direção, Saussure exclui qualquer possibilidade de que esse tipo de associação possa ser, de algum modo, icônico, exceto no que diz respeito às onomatopeias, as quais estão em número reduzido nas línguas.

Benveniste (1976), entretanto, lança uma crítica a Saussure, pois observa que o precursor da linguística moderna, ao pensar o princípio da arbitrariedade, embora declare tratar da relação significante/significado, define a natureza do signo com base, de acordo com seus exemplos, no significante e no objeto em si. “Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e subreptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade”. (BENVENISTE, 2006, p. 54)

Nesta perspectiva, segundo Benveniste (2006), as partes constitutivas do signo não podem ser consideradas arbitrárias. Desse modo, ele retoma os exemplos dados por Saussure e esclarece que o

---

<sup>1</sup> Por causa da configuração dos computadores e presença/ausência da fonte IPAkiel, resolvi não usar na transcrição os símbolos apropriados.





significado (idéia) da palavra “*boi* é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico *boi*”. Logo, para esse linguista, pode haver arbitrariedade quando se considera a associação entre significante e coisa, mas não quando se leva em conta significante e significado, posto que, entre estes, há uma completa simbiose.

Diante do debate proposto por Benveniste (2006), convém salientar que, de certo modo, Saussure estava mesmo refletindo sobre a associação entre a imagem acústica e o conceito, muito embora não tenha se dado conta de que a ideia retirada da realidade pode, de algum modo, ter influenciado na construção do significante. Daí o fato de Benveniste afirmar que significante evoca significado e vice-versa.

Nos estudos da antropóloga Janis Nuckolls (1999), a matéria fônica tem um papel que vai além da comunicação de mensagens. Segundo a autora, o som é simbólico e, por isso, capaz de expressar nossos estados emocionais, percepção estética, relações que mantemos com outros indivíduos etc. Isso significa que pode haver, sim, uma associação motivada entre significado e significante.

Para ilustrar tal questão, tomemos o exemplo da palavra *mar*, que segundo Saussure (1916) “não está ligada por relação alguma interior à sequência *MAR* (grifo nosso)”. Contudo, não seria o caso de essa palavra, na sua constituição fonética, nos remeter ao barulho das ondas que quebram na praia? O fonema [m], embora seja nasal no seu modo de articulação, tem uma configuração oclusiva que nos permite, acusticamente, supor a formação de uma onda marinha, enquanto os segmentos [a] e [h] podem ser associados ao desmanche da onda e ao chiado das espumas que seguem em direção à praia<sup>2</sup>.

Provavelmente, Saussure e Benveniste não perceberam essa possibilidade nem mesmo o fato de que a palavra *boi*, em português e em francês<sup>3</sup>, por possuir uma vogal arredondada, poder ser associada à estrutura circular do corpo desse animal. Do mesmo modo, o vocábulo *gordo* possui esse mesmo fonema vocálico tanto em português como em francês (*gros*).

Esse é o modo de análise que postulam aqueles que estudam o simbolismo sonoro, “termo utilizado quando uma unidade de som vai além de sua função linguística contrastiva (tradução nossa)” (cf. NUCKOLLS, 1999). No entanto, como assinala Bolinger (1978 apud NUCKOLLS, 1999) esse tipo de análise não ajuda a resolver certos problemas, já que os chamados *phonestemes*<sup>4</sup> não se prestam à formulação de regras, embora suscite questões importantes sobre os processos históricos que resultam de padrões *phonestemic*<sup>5</sup>. Se a vogal arredondada dos vocábulos em português e francês (*boi/boeuf* e *gordo/gros*) parece associar-se à forma mais ou menos esférica do seu referente, o mesmo não pode ser dito nem em relação ao feminino desses lexemas (*vaca/vache*) nem à tradução inglesa (*bull*), por exemplo.

Talvez, por isso, o mestre tenha sido categórico: “o signo linguístico é arbitrário”. E a prova que ele dá é a existência de línguas diferentes e a diferença entre elas. Ele afirma ainda que as consequências desse princípio são inúmeras e, realmente, foram. Essa visão foi, e talvez ainda seja, um dos termômetros definidores (ou delimitadores) do que é e do que não é língua, pois, segundo os postulados desse linguista, “os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que outros o ideal do procedimento semiológico”. Isso significa que o princípio da arbitrariedade possibilita à língua uma maior

<sup>2</sup> É possível atribuir a mesma imagem ao vocábulo francês *mer*.

<sup>3</sup> Boeuf.

<sup>4</sup> Talvez o termo pudesse ser traduzido como “fonestema”, unidade sonora com significado.

<sup>5</sup> Tradução: fonestêmico.



flexibilidade e produtividade. Por isso sublinha o inconveniente em se utilizar o termo *símbolo* (grifo nosso) em lugar de *signo* (grifo nosso), já que o primeiro revela um vínculo naturalmente metafórico com seu significado.

Nuckolls (1999), no entanto, apesar das colocações de Saussure (1916), reconhece a iconicidade como um fator significativo em muitos níveis da estrutura linguística, pois, de algum modo, a língua estrutura-se a partir da realidade. Nesse sentido, alguns estudos vêm mostrando que o fazer semiótico, diferente do que pensava o mestre, pauta-se no real, o que torna a língua “uma espécie de *instrumento* (grifo nosso) que, ao estruturar a experiência, estrutura o seu próprio fazer” (Chamarelli, 2005).

Nessa perspectiva, é interessante considerar o tratamento que Taub (2000) e Cuxac (2003) dão à iconicidade, visto que esse processo, de alguma forma, permite ao indivíduo traduzir a realidade em signos.

### 2.3.2 Iconicidade segundo o modelo de Sarah Taub (2000)

Segundo Taub (2000), o termo iconicidade remete à “semelhança entre a forma de um elemento linguístico e seu significado”. Nesse caso, semelhança implica comparação, pois, para autora, trata-se de um processo cognitivo que permite ao indivíduo mapear a estrutura de um objeto, por exemplo, associando-a às possibilidades de formas fonéticas (sequência de sons e configuração/movimento de mão) de sua língua. Trata-se do *modelo de construção-análogo*, o qual se constitui a partir de três etapas: *seleção de imagem, esquematização e codificação*.

Na *seleção de imagem*, podemos observar que um único objeto pode projetar várias imagens a partir de diferentes sentidos. Entretanto, selecionamos apenas uma imagem sensorial que possa ser diretamente representada, a fim de estendê-la a todas as possibilidades imagéticas do objeto. Esta seleção pode acontecer por meio de um processo cognitivo metonímico, já estudado por alguns linguistas cognitivos, Lakoff e Johnson (2002), por exemplo, como assegura Taub (2000); por uma associação mais ou menos direta entre imagem e conceito; ou pela extração de um traço saliente do objeto em questão.

Tendo selecionado a imagem, agora é preciso representá-la, adaptando-a aos recursos fonéticos apropriados. Trata-se do processo de *esquematização*. Nesse momento, extraem-se os detalhes mais salientes da imagem, deixando-se guiar pelo nível de complexidade que rege a fonotática da língua. Tudo leva a crer que seja esse processo que contribui para distanciar significante de significado, i.e., imprimir o traço [+arbitrário] no signo<sup>6</sup>.

O último passo é a *codificação*, quando a imagem esquematizada deve assumir a forma linguística. Logo, são escolhidos traços/parâmetros capazes de substituir cada parte, sempre tentando preservar a estrutura original da imagem. O resultado deste processo é uma forma linguística icônica.

De acordo com o processo descrito, é possível perceber que não se trata de uma simples questão de semelhança entre forma e sentido, porém de um processo no qual os recursos fonéticos de uma língua funcionam como analogia entre imagem e referente. Deste modo, pode-se inferir que na iconicidade não há uma relação objetiva entre imagem e referente, mas uma relação entre este último

---

<sup>6</sup>Este ponto é resultado da reflexão do Prof. Tarcísio Leite na aula da disciplina **Gestualidade e linguagem**, do dia 29 de abril de 2010.







e o modelo de imagens mentais, o qual é motivado por experiências humanas, vividas em dada comunidade e imersas em certa cultura (TAUB, 2001 apud SALLANDRE, 2003).

Tal concepção é interessante porque aponta para diferentes percepções em relação a um mesmo objeto, o que dá uma dinamicidade maior ao signo. Isto quer dizer que diferentes signos, ainda que icônicos, podem representar um mesmo referente, pois os modelos de imagens mentais são gerados a partir do sistema sensorial de um indivíduo que tem identidade e cultura particulares. Por exemplo: as onomatopeias que traduzem miado e latido, no caso das línguas orais, diferem de língua para língua, e também os sinais icônicos para ÁRVORE nas línguas de sinais brasileira e japonesa (TAUB, 2000). Saussure, inclusive, se apoia nesse tipo de situação para ressaltar o aspecto convencional da iconicidade. No entanto, as diferentes percepções não diminuem em nada o teor icônico desses signos, visto que a iconicidade está no esforço mental do ser humano para fazer associações conceituais, como assinala Sallandre (2003).

O sistema sensorial humano pode tornar cada objeto tanto único como plural. Primeiro, porque cada indivíduo pode apreender o objeto através de um sentido diferente e, segundo, porque percepções distintas podem gerar diferentes signos para um mesmo referente.

Outro aspecto relevante na visão de Taub (2000) é que essa proposta também consegue explicar porque, algumas vezes, o signo icônico não pode ser facilmente reconhecido, i.e., só nos damos conta da analogia com o real quando seu significado nos é revelado. Então, é preciso ter em mente que iconicidade não implica transparência e que talvez o signo esteja tão preso ao contexto que seja difícil a um interlocutor decifrar imediatamente o seu sentido.

### 2.3.3 Iconicidade segundo o modelo de Christian Cuxac (2003)

Diferente de Taub (2000), Cuxac (1993, 2003) não considera a iconicidade como uma característica da língua, pois, para ele, vista desse modo a iconicidade tende a tornar-se incompatível com um sistema que funciona em termos de diferença. Esse pesquisador acredita que a definição de iconicidade, quando colocada em termos de semelhança entre signos e referentes, pode reduzir a língua a um *sac des mots*<sup>7</sup>, como acontecia no período pré-estruturalista (Cuxac, 1993). Segundo ele, a iconicidade é uma noção operatória, i.e., um processo através do qual o sinalizador torna icônica a experiência, já que em termos de intenção semiótica, seu objetivo é construir o sentido para e com o outro. Assim, é por meio do processo de iconização que o sinalizador reconstitui, na língua, de modo imagético e sob forma de enunciado, qualquer experiência vivida ou imaginada. (Cuxac, 1996 apud SALLANDRE, 2003).

A fim de explicar o processo de iconização, Cuxac (1993, 2003) postula uma bifurcação de duas visões nas línguas de sinais, que até existem nas línguas orais embora não seja tão recorrente. Nesse caso, a língua divide-se entre o *dizer* conceitual e o *querer mostrar*. O primeiro é chamado de *visão não-ilustrada* e diz respeito aos signos do léxico padrão; já o segundo, a *visão ilustrada*, é um fenômeno que “*diz mostrando: ‘isso se passou assim e eu quero lhe mostrar’*” (grifo nosso). Nas línguas orais, quando tal fenômeno acontece, em geral, aparecem os gestos que são coordenados pela fala. Já nas línguas de sinais, a *visão ilustrada* é bastante frequente, pois as dimensões do mostrar e/ou imitar podem ser

---

<sup>7</sup>Saco de palavras



constantemente ativadas. Nesse sentido, a visão não-ilustrada corresponde aos sinais do léxico padrão e a visão ilustrada, aos *sinais de grande iconicidade*.

Os sinais de grande iconicidade resultam de um filtro cognitivo e, em termos de semelhança, são muito próximos quando comparados em diferentes línguas de sinais. Daí que surdos de nacionalidades diferentes podem levar menos tempo para se entenderem que os ouvintes. Também os sinais de grande iconicidade oferecem mais dificuldade para serem aprendidos pelos ouvintes que os sinais *standard*.

É possível perceber no modelo de Cuxac que a iconicidade é um traço inerente às línguas de sinais, o que significa que esse pesquisador deseja dar um tratamento específico a essas línguas, a partir da singularidade que as envolve. Por isso, deixa claro que a iconicidade não é uma característica das línguas naturais, de modo geral, como o faz Taub (2000) quando diz que, já no processo de esquematização, o indivíduo seleciona partes do objeto que podem ser representadas pelos traços/parâmetros fonológicos.

A proposta de Cuxac também deixa espaço para se pensar tanto a subjetividade como os aspectos culturais que podem ser mostrados no sinal por meio da iconicidade. Assim, comparando este modelo com o da Taub, é possível inferir que no modelo de Cuxac a preservação da estrutura da imagem tem prioridade maior, enquanto no modelo de Taub, embora se fale da tentativa de preservar a estrutura imagética, os recursos linguísticos também são levados bastante em consideração.

Contudo, não se pode esquecer de que os modelos dão uma nova dimensão à iconicidade, sendo ela característica ou não das línguas naturais como um todo. O fato é que a iconicidade está sendo pensada como um processo cognitivo que faculta ao sinalizador reconstituir sua realidade com base nas suas experiências individuais e culturais.

#### **2.4 Análise dos dados**

Durante a análise, ficou claro que o problema em relação à iconicidade não estava no modo como os dados haviam sido eliciados, mas como seriam tratados. Isso porque se verificou que os sinais evocados traduziam, de alguma forma, a realidade do sujeito. Algumas produções eram mais descritivas e outras, menos, o que variava ou de indivíduo para indivíduo ou nos sinais implementados por um mesmo sujeito.

Desse modo, resolveu-se analisar os dados a partir das abordagens acima mencionadas. De acordo com a visão de Taub (2000), verificou-se que o *modelo de construção análogo* não dá conta dos sinais mais descritivos, pois eles tendem a descrever a realidade e não adequar a imagem proveniente dessa realidade à estrutura da língua, ou melhor, de uma suposta língua. Isso significa que as etapas descritas por Taub (seleção de imagem, esquematização e codificação) inexistem nesse processo de iconização. Daí a possibilidade de tratar tais produções como mímicas ou gestos e não como sinais. Nesse caso, é preciso lembrar que, para Sarah Taub, a iconicidade é um processo inerente à língua, i.e., há um esforço do produtor no sentido de configurar a situação de acordo com as possibilidades existentes em dada língua.

No entanto, se as mesmas produções forem analisadas sob a perspectiva de Cuxac (2003), pode-se perceber que operar com a iconicidade é simplesmente traduzir o real. Por isso, para esse pesquisador, o caráter icônico das línguas sinais não é uma característica linguística, mas um processo semiótico, que





permite ao indivíduo construir seu sentido. Tal fato não significa, porém, que as produções mais descritivas sejam gestos. Na verdade, Cuxac consegue dar conta da gênese dos sinais, já que os *sinais de grande iconicidade* funcionam como um mecanismo que age por meio de um filtro cognitivo, para utentes de línguas de sinais institucionalizadas ou emergentes, com o objetivo iconicizar o evento/objeto.

Nessa perspectiva, é preciso salientar que tomar a iconicidade como uma operação, significa dizer que o indivíduo pode lançar mão desse mecanismo tanto no processo de construção do seu sistema linguístico como em momentos em que o processo de comunicação se torna precário. É o caso, já citado, de indivíduos que falam línguas de sinais diferentes e têm que estabelecer comunicação entre si.

Um outro exemplo, este já em relação às línguas orais, seria quando o indivíduo, por algum motivo, não consegue verbalizar exatamente sua intenção e acaba por lançar mão de gestos co-verbais (visão ilustrada/dizer mostrando). Nesse caso, convém lembrar que os gestos co-verbais não traduzem a fala, ao contrário, inserem informações novas à mensagem que está sendo transmitida (MCNEIL, 2000).

### 3 Considerações Finais

É certo que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 1916). Sem dúvida, Saussure foi bastante claro, quando afirmou que na Linguística não existe um objeto pronto. Ao contrário, tudo vai sendo construído. Nesse sentido, o objetivo molda o olhar e a teoria delimita o objeto.

O objeto observacional é o mesmo: sinais implementados por indivíduos surdos oriundos de famílias ouvintes. Porém faz-se necessário perguntar sob que prisma o fato linguístico está sendo observado, já que os pesquisadores trabalham com concepções tão distintas, o que faz com que os gestos possam estar relacionados a simples movimentos corporais; consistir em movimentos, principalmente de mãos, que acompanham a fala; ser considerados elementos codificados no processo de comunicação; ou, ainda, ser vistos como unidades significativas dentro de um sistema linguístico.

Desse modo, a iconicidade inerente aos sinais caseiros pode ser considerada propriedade da língua quando a formação dos sinais se encaixa nas etapas descritas por Taub (2000) em seu *modelo de construção análogo* ou uma simples operação que permite ao indivíduo, em dado momento, inserir na língua informações que o auxiliam na construção de sentido por meio de *sinais de grande iconicidade* (CUXAC, 1993, 2003).

Vale salientar que a abordagem de Cuxac dada à iconicidade não resolve o problema das línguas de sinais em relação ao grande número de sinais icônicos e tão pouco em relação ao teor descritivo dos sinais caseiros ou línguas emergentes. Entretanto, chama a atenção para o fato de que as línguas de sinais, por serem de uma modalidade viso-espacial, merecem ser tratadas com certa singularidade e não serem conformadas aos mesmos moldes das línguas orais, como assinala Sallandre (2003).

### Referências Bibliográficas

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.



BORGES NETO, J. De que trata a linguística afinal? In: BORGES NETO, J. (org.). **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 31-65.

CHAMARELLI FILHO, Milton. A dimensão experiencial da linguagem. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 1, p. 109-118, 2005.

CHOMSKY, N. **Arquitetura da linguagem**. Trad. Alexandre Morales e Rafael F. Coelho. Org. Nirmalangshu Mukherji, Bibudhendra N. Patnaik e Rama Kant. Bauru: Edusc, 2008. (Col. Signum).

CUXAC, C. Iconicité des Langues des Signes. **Faits de langues**, Paris, n. 1, p. 47-56, mar. 1993.

CUXAC, C. Langue et langage: un apport critique de la langue des signes française. **Langue française**, Paris, n. 137, v. 1, p. 12-31, vol. 137, fév. 2003.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes**: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade de Paris, Paris, 2004.

GOLDIN-MEADOW, S. Structure in manual communication system development without a conventional language model: language without helping hand. In: WHITAKER, H.; (org.). **Neurolinguistics**, Nova York: Academic Press, v. 4, p. 125-209, 1979.

KEGL, J.; SENGHAS, A.; COPPOLA, M. Creation through contact: sign language emergence and sign language change in Nicaragua. In: DEGRAFF, M. (ed.). **Language creation and language change: creolization diachrony, and development**. Cambridge: Mit Press, 1999. p. 179-237.

KUMADA, K. M. O. “**No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem LIBRAS, né?**”: representações sobre as línguas de sinais caseiras. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. (Col. Lingua[gem]).

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MAHER, J. **Seeing language in sign: the work of William C. Stokoe**. Washington: Gallaudet, 1996.

MARTELLOTA, M. E (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAYBERRY, R. The cognitive development of deaf children: recent insights. In: SEGALOWITZ, S. J.; RAPIN, I. (eds.). **Handbook of neuropsychology**, Nova York, v. 7, p. 51-68, 1992.



\_\_\_\_\_; EICHEN, E. B. The lost-lasting advantage of learning sign language in childhood: another look at the critical period for language acquisition. **Journal of memory and language**. v. 30, p. 486-512, 1991.

MCNEILL, D. (Org.). **Language and gesture**. Chicago: Cambridge, 2000.

MORFORD, J. P. Insights to language from the study of gesture: a review of research on the gestural communication of non-signing deaf people. **Language and communication**, Oxford, v. 16, pp. 165-78, 1996.

NUCKOLLS, J. The case for sound symbolism. **Annual Reviews of Anthropology**, Birmingham, v. 28, p. 225-52, 1999.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**: como a mente cria linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho, 1992. (Série Lingüística).

SALLANDRE, Marie-Anne. **Les unités du discours en Langue des Signes Française**: tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade de Paris, Paris, 2003.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurológicas. São Paulo: Plexus, 2007.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1976 [1916].

STOKOE, William C. **Sign language structure**: an outline of the visual communication systems of the american deaf. Burtonsville (Maryland): Linskstok, 1993.

TAUB, S. Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications. **Spacial cognition and computation**. Netherlands, 2000, 2: 31-50.

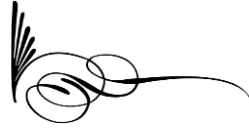
TEIXEIRA, E. R. **Exame Fonético-Fonológico ERT**. Salvador: [s.n. ]. 2006.

TEIXEIRA, E. R. Palavras *versus* enunciados: eliciação de dados em fonologia em desenvolvimento. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, v. 21-22, p. 59-68, 1998.

TERVOORT, R.T. Esoteric symbolism in the communication of young deaf children. **American Annals of deaf**, n. 106, a. 5, p. 436-80, 1981.

YAVAS, M. et al. **Avaliação fonológica da criança**: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artmed, 2001.





YAU, S.-C. Création de langues gestuelles chez des sourds isolés. In: **Cahiers de linguistique - Asie orientale**, v. 17, n. 1, p. 151-154, 1988. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/clao\\_01533320\\_1988\\_num\\_17\\_1\\_1268](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/clao_01533320_1988_num_17_1_1268)>. Acesso em: 16 nov. 2012.

